

A PROBLEMÁTICA DA APLICAÇÃO E DA ESTRANHEZA NA DETERMINAÇÃO DA HERMENÊUTICA, EM DIÁLOGO CONSTANTE COM SCHLEIERMACHER

Rainri Back, Mestrando pela UnB

Resumo: *Este artigo visa problematizar, em suma, a possibilidade de metodização da experiência hermenêutica, que, em Schleiermacher, se realiza no propósito de conferir aplicabilidade às descobertas da investigação filosófica e na determinação da interpretação enquanto dissipação de estranhezas no discurso. Toda a problematicidade se concentrará nos desdobramentos decorrentes da possibilidade de uma “compreensão imediata” do discurso interpretado, onde não intervêm quaisquer estranhamentos entre quem interpreta e quem discursa. Assim, este artigo apresentará indicações para se considerar a hermenêutica um aspecto constitutivo da existência humana.*

Palavras-chave: *aplicação, estranheza, hermenêutica.*

Abstract: *This article aims to analyze, in sum, the possibility of methodical organization in the hermeneutics experience, which, according to Schleiermacher, realize itself in the purpose of getting applicability to the discoveries of philosophical investigation and in the determination of the interpretation while dissipating the discourse strangeness. The main focus is the analysis of the possibility of a “immediate comprehension” of a interpreted discourse, occasion that there is no strangeness between who interprets and who discursa. Thus, this article will give some indications in considering hermeneutics a constitutive aspect of human existence.*

Key words: *application, strangeness, hermeneutics.*

1. BREVE DELIMITAÇÃO DA PROBLEMÁTICA COMO TAL

A controvérsia em questão aqui advém do propósito de encerrar a experiência hermenêutica numa metodologia rigorosa ou mesmo de determiná-la segundo uma orientação metodológica, ainda que relativamente amena. E Schleiermacher se encaminha justamente nessa direção, motivando-nos a *problematizar* tal propósito, para o qual contribuem tanto a aplicabilidade quanto o estranhamento, desde que se possa considerá-los fatores determinantes da experiência hermenêutica. Ora, em que consiste afinal a atitude de problematizar, tão própria à filosofia?

Numa breve determinação, problematizar se resume primordialmente num empenho para suspender a legitimidade de uma proposta, privando-lhe da possibilidade de se efetivar enquanto interpretação prévia para, assim, torná-la tema de um questionamento. Não nos deteremos numa delimitação mais profunda das condições que podem motivar esse empenho, de modo que nos limitamos a tais indicações sumárias, porém, importantes. Particularmente temáticos são, em nossa problemática, a aplicabilidade e o estranhamento, enquanto momentos determinantes da hermenêutica, segundo nos mostra a perspectiva em que Schleiermacher os apreende.

2. EM FAVOR DA UNIVERSALIZAÇÃO DA HERMENÊUTICA

A hermenêutica, até as primeiras décadas do século XIX, era uma disciplina sem uma coesão própria, genuína, que somente obtinha algum contorno mais nítido a partir de outros campos de estudos acadêmicos, sobretudo, da filologia clássica e da teologia cristã.¹ Insatisfeito com tal condição em que se encontrava a hermenêutica, Schleiermacher apresenta um argumento que, embora simples, nos parece eficaz para apontar, numa primeira aproximação, a abrangência e a unidade da experiência hermenêutica. Se uma mesma "arte", conforme nos diz Schleiermacher (2000, p. 29), se exerce tanto na interpretação dos textos sagrados quanto na interpretação dos textos clássicos, então nenhum desses domínios específicos pode determinar a sua essência. A hermenêutica, portanto, deve ultrapassar e abranger a teologia e a filologia.

E podemos prosseguir nesse movimento abrangedor, incluindo nele qualquer domínio onde a hermenêutica pudesse exercer a sua atividade, desde o "orientalismo" até a "literatura romântica", segundo observa Schleiermacher (*loc. cit.*). Ainda mais além, nenhum gênero de discurso grafado parece frear a possibilidade de a hermenêutica se universalizar, a qual parece compreender, inclusive, a leitura de correspondências, de artigos jornalísticos e assim por diante. Ora, por que não devemos reconhecer que a hermenêutica compreende também as nossas conversações diárias? Pois, como bem esclarece Schleiermacher (*ibid.*, p. 30), constantemente nos dedicamos a discernir e a

¹ Para indicações importantes sobre as diversas situações da hermenêutica ao longo da história, cf. Gadamer (2004).

clarificar certas propensões que induzem nosso interlocutor a se posicionar de certa maneira em relação ao assunto do diálogo.

Portanto, a hermenêutica abrange o discurso *em geral*, a despeito da forma específica em que se pode elaborá-lo, quer grafando-o em papel, quer enunciando-o vivamente para outras pessoas em circunstâncias particulares. Todavia, devemos nos perguntar, em que medida a hermenêutica pode ser uma *disciplina*, principalmente, uma disciplina científica, com seus *métodos* particulares? Essa propensão para universalizar a hermenêutica não deveria motivar Schleiermacher a um questionamento ainda mais profundo das orientações pelas quais os seus predecessores determinavam tal “disciplina”? Não parece haver aí uma continuidade entre Schleiermacher e a tradição precedente que pudesse influenciá-lo na determinação da hermenêutica? Em que consiste, afinal, essa “disciplina”, na perspectiva de Schleiermacher?

3. A HERMENÊUTICA SEGUNDO SCHLEIERMACHER

Quando lemos um texto ou prestamos atenção ao proferimento de alguém, devemos lidar com a língua em que se tece o discurso, cujo léxico obtém uma organização sintática a partir de determinadas regras gramaticais preestabelecidas. Além desse aspecto da experiência interpretativa, que Schleiermacher nomeia *gramatical*, há ainda a pessoa responsável pela concretização do discurso. Justamente nela a generalidade das normas gramaticais adquire um tom particular, uma vez que as palavras devem se organizar em prol da expressão singular de certos processos anímicos ou, como Schleiermacher prefere dizer, *psicológicos*. Portanto, a hermenêutica se compõe de dois aspectos distintos e irreduzíveis: por um lado, a generalidade gramatical da língua em que se elabora o discurso e, por outro lado, a singularidade psicológica da pessoa por intermédio da qual a linguagem subsiste concretamente.

Esses aspectos se relacionam com dois procedimentos, também distintos e irreduzíveis, que visam proporcionar à interpretação um movimento minimamente metódico. Na lida com discursos, confrontamos diversas passagens, a fim de não só identificar algum tema comum entre elas como também estabelecer diferenças entre os vários contextos particulares. Esse procedimento *comparativo*, segundo a denominação de Schleiermacher, acompanha outro, cujo intuito fundamental consiste em apreender justamente aquele aspecto inerente a todo discurso: a singularidade. Trata-se de um tato, de uma disposição para acolher a vitalidade que impulsionou o entretecimento das palavras a partir das regras gramaticais da língua. Particularmente em virtude desse procedimento *divinatório*, a hermenêutica não se reduz a uma atividade meramente mecânica, mas requer um toque artístico do intérprete.²

² Cf. Gadamer (2003, p. 261).

Ao contrário de seus predecessores, Schleiermacher (*ibid.*, p. 64) pretende proporcionar à hermenêutica “a forma que lhe cabe como doutrina”, a fim de livrar essa “disciplina” de uma situação ainda “caótica”.³ Para tanto, ele se empenha em descobrir uma inter-relação dos aspectos e dos procedimentos da interpretação. Embora haja maior afinidade, por um lado, do aspecto gramatical com o procedimento comparativo, por sua feição mais técnica, e, por outro lado, do aspecto psicológico com o procedimento divinatório, por sua feição mais artística -- ambos os métodos necessariamente se relacionam com ambos os aspectos; pois, para Schleiermacher (*ibid.*, p. 43), “se a compreensão segura e completa não se realiza simultânea e imediatamente com a percepção, os dois tipos de métodos deverão ser utilizados em ambos os lados”.

Essa inter-relação coesa dos momentos da interpretação só desfecha concretamente no reconhecimento da atuação de um *princípio*, que, devido à sua importância essencial, Schleiermacher (*ibid.*, p. 46) até o considera a própria base da hermenêutica. O “princípio hermenêutico” segundo o qual só se compreende um discurso em geral a partir do esclarecimento de cada passagem particular que, por sua vez, já pressupõe uma compreensão geral do discurso; esse princípio da relação circular entre todo e partes constitui, segundo Schleiermacher (*ibid.*, p. 47), a *norma* fundamental da interpretação. E justo isso suscita toda a nossa problemática, não porque, como mostraremos, duvidamos da índole fundamental da circularidade, sim porque Schleiermacher a considera uma norma – como tal, sujeita à *aplicação*.

Atentemos para as seguintes observações de Schleiermacher:

O *procedimento correto* com passagens paralelas repousa igualmente no fato de que se escolha aquelas passagens presentes no conjunto semelhantes àquela a ser explicada no que se refere à palavra duvidosa, [portanto, que poderiam ser também partes do mesmo todo.] Porém, na medida em que isto não pode ser assegurado, a *aplicação* também torna-se incerta. Mas, tão evidente quanto isto seja (...) tanto mais difícil de responder a questão até onde se pode ir no *emprego desta regra*. (*ibid.*, p. 48, grifos nossos).

Essa passagem explicita bem a orientação prévia de Schleiermacher: assegurar-se da precisão com que se devem *aplicar* certos procedimentos no *exercício* da interpretação, apesar das dificuldades em que esse propósito se esbarra. Destacamos essa preocupação de Schleiermacher com a aplicação de certas regras de interpretação no intuito de evidenciar o *cunho disciplinar* que

³ Entretanto, note-se bem, não se trata de impor arbitrariamente à hermenêutica uma configuração sistêmica, mas de se pautar pela “coisa mesma”, ou seja, “a natureza da linguagem e das condições fundamentais da relação entre o falante e o ouvinte” (*loc. cit.*). Porém, a atitude genuinamente filosófica de Schleiermacher, como mostraremos, parece conflitar com seus interesses práticos.

a hermenêutica ainda conserva nas investigações desse filólogo. Portanto, devemos nos perguntar em medida os interesses práticos do filólogo Schleiermacher não deturpam seu ímpeto filosófico, encobrendo aspectos fundamentais da própria experiência hermenêutica. A tendência da hermenêutica para se universalizar não se contrapõe a quaisquer interesses práticos que intentassem submetê-la a certas regras para consumir certos fins?

4. A APLICAÇÃO E A ESTRANHEZA NA DETERMINAÇÃO DA HERMENÊUTICA

Justamente quando desenvolve uma argumentação em prol da universalização da hermenêutica, deixando de limitá-la a apenas alguns gêneros do discurso grafado, repentinamente, Schleiermacher (*ibid.*, p. 29s) se interrompe para nos advertir de tais “vôos especulativos”. Ele nos previne de uma diferença entre a investigação puramente teórica e aquela cujo propósito consiste em realizar certos fins e, portanto, em descobrir os meios convenientes. E Schleiermacher não titubeia privilegiar essa última alternativa quando o ímpeto especulativo ameaça dominar a investigação; uma postura que, aliás, já se enseja desde as considerações introdutórias, quando ele se mostra favorável a uma síntese de prática e especulação (*ibid.*, p. 26). Por isso, Schleiermacher se empenha em dosar essa diferença de matizes: “a teoria científica pura será aquela que não produz nada, a útil será somente aquela que reúne as observações em vista de um fim. (...) como eu não quero colocar em jogo a aplicabilidade da teoria, *prefiro abandonar o guia especulativo em seu vôo e seguir o mais prático*” (*ibid.*, p. 30, grifo nosso).

Embora não dispense a necessidade de um tato artístico no exercício da interpretação, a hermenêutica, na perspectiva de Schleiermacher, ainda consiste numa *técnica*, que, nessa condição, exige de quem a exerce o domínio da *aplicação* de certas regras preestabelecidas. Ora, apenas recorreremos a determinados métodos quando nos deparamos com obstruções que nos impedem de concretizar certos fins, de modo que somos compelidos a buscar o caminho que efetivamente nos conduz até onde pretendemos chegar. Essa relação de método com busca e caminho devemos principalmente a Heidegger⁴ que, dentre outros pensadores, nos reaproximou dessa significação a partir da interpretação dos étimos da palavra. No entanto, Schleiermacher nos interpela a partir de um horizonte bem diferente de Heidegger.⁵

⁴ Cf. Heidegger (1999, p. 96): “O caminho chama-se em grego [*hodós*]; [*metá*] significa ‘em direção a’; [*méthodos*] é o caminho, pelo qual nós vamos no encaço de uma coisa: o método”. Heidegger não transliterou as palavras gregas, que, por isso, estão entre colchetes em nossa citação.

⁵ Para uma indicação sumária, podemos recorrer às palavras de Gadamer (2005, p. 145) para clarificar a significação de “método”, na perspectiva de Heidegger: “un atenerse-a-lo-que-hay-que-decir en su conjunto y un mantener-se ante lo no dicho”. Trata-se de *permanecer num direcionamento para... a caminho* da coisa em que se concentra o pensamento, que, por conseguinte, não pretende preestabelecer certas regras de conduta pelas quais possa se orientar posteriormente.

Método, em Schleiermacher, se torna *metodologia* na medida em que a sua orientação fundamental visa *preparar prévia e sistematicamente* o exercício da interpretação para a dissolução de quaisquer obstruções que surgirem no decurso dessa experiência e, assim, *proporcionar um asseguramento pleno dos seus rumos*.⁶ Não por acaso Schleiermacher (*ibid.*, p. 49, 54, 55) às vezes menciona a possibilidade de uma “compreensão completa”, embora reitere, em algumas passagens, a indissolubilidade da incompreensão (*ibid.*, p. 46). Uma vez que a metodologia deve reger a hermenêutica, as obstruções pelas quais se justifica o emprego de métodos também devem constituir a própria essência do exercício interpretativo. Por conseguinte, desde o princípio de sua investigação, Schleiermacher (*ibid.*, p. 26) define a interpretação com as seguintes palavras: “toda compreensão de discurso estranho”.

O estranhamento justifica a hermenêutica enquanto metodologia da interpretação, pois, sem a sua intervenção, o emprego de meios para consumir certos fins se esvaziaria e o sentido de qualquer discurso se mostraria por si mesmo. Portanto, na perspectiva de Schleiermacher, *a aplicação de regras se relaciona intimamente com o surgimento de estranhezas no discurso motivador da interpretação*. – Ora, em que medida a aplicabilidade das descobertas filológicas e o estranhamento podem coerir com aquela tendência da hermenêutica para se universalizar, que Schleiermacher sufoca para ceder a vez aos seus interesses práticos de filólogo?

5. A PROBLEMÁTICA EM TORNO DA APLICAÇÃO E DA ESTRANHEZA

A determinação da hermenêutica enquanto metodologia se torna nomeadamente problemática quando Schleiermacher (*ibid.*, p. 31) se dispõe a delimitar a maneira em que a estranheza deve interferir na relação entre quem discursa e quem interpreta. Assim, se a estranheza vigorasse *absolutamente* na relação hermenêutica, não haveria sequer ensejo para uma atitude semelhante à interpretação, que, ao contrário, pressupõe necessariamente alguma concordância possível entre os interlocutores de um diálogo. Ora, conforme conclui Schleiermacher, o estranhamento só pode intervir de uma maneira meramente *relativa*, de sorte que já deve haver um horizonte comum entre as pessoas que participam da experiência hermenêutica.

Não podemos apresentar aqui os desdobramentos da descoberta desse horizonte comum, os quais, a propósito, Schleiermacher nem mesmo parece entrever, uma vez que ele mantém esse “algo de comum” (*loc. cit.*) na mesma indeterminação em que a própria expressão nos situa num primeiro momento.

⁶ Não devemos negligenciar, no que respeita à orientação fundamental de toda a investigação de Schleiermacher (*ibid.*, p. 26-27), o significado da insatisfação dele em relação às sumas teológicas e aos ensaios filológicos disponíveis na época, que, segundo ele, não passavam de “coleções de regras particulares reunidas por meio destas observações dos mestres, algumas vezes claramente definidas, outras beirando à indefinição, ora arranjadas confusamente ora comodamente”.

Devemos nos concentrar, antes, na possibilidade ainda restante de o estranhamento *jamais* se interpor entre quem interpreta e quem discursa, de modo que o andamento da interpretação pudesse acompanhar sincronicamente o próprio decorrer do discurso. Todavia, assim como sucedeu com a suposição do estranhamento absoluto, Schleiermacher também rechaça essa possibilidade, já que, segundo nos diz, a hermenêutica “não precisaria ser entabulada” e a compreensão se realizaria “por si mesma” (*loc. cit.*).

Também aí Schleiermacher não prevê quaisquer desdobramentos dessa compreensão espontânea do discurso, menos ainda as conseqüências dela para a maneira em que ele próprio determina a hermenêutica. Aliás, apesar de renegá-la quando delimita a maneira em que a estranheza vige na interpretação, Schleiermacher a retoma inadvertidamente num momento posterior da investigação, inclusive, na condição de parâmetro do exercício interpretativo. A “satisfação” proveniente da “compreensão imediata” deve ser não só o fim como também a medida da exatidão com que se devem empregar os métodos comparativo e divinatório (*ibid.*, p. 43).

A possibilidade dessa “compreensão imediata” somente nos mostra toda a *problemática* em torno da hermenêutica de Schleiermacher quando nos deparamos com a questão a respeito da maneira pela qual devemos providenciar a compreensão geral a partir de onde podemos esclarecer as passagens do discurso. Trata-se de um trecho repleto de sutilezas, que, portanto, requer uma atenção particular:

Do que foi dito segue-se, igualmente para a fala e para a escrita, que toda primeira apreensão é provisória e incompleta, [do mesmo modo um folhear mais regular e completo,] apenas é suficiente [e cumpre por si mesmo a tarefa] *onde nós não encontramos nada de estranho e a compreensão se compreende por si mesma, isto é, onde em geral não ocorre nenhuma operação hermenêutica com consciência determinada.* (*ibid.*, p. 52, grifo nosso).

Essa operação hermenêutica, a que se refere Schleiermacher, é apenas outra denominação do procedimento em que *se aplica* ao discurso o movimento circular por meio do qual a compreensão geral e prévia do discurso esclarece as suas passagens particulares, e assim reciprocamente. Parece-nos significativa a palavra “operação” (*Operation*), pois reforça a orientação prévia de Schleiermacher, que tende a reduzir a hermenêutica a uma experiência disciplinar em que se aplicam regras. Mas decisivo mesmo para a nossa problemática deve ser *o influxo do modo de vigência da estranheza sobre a maneira pela qual o princípio da circularidade pode atuar no exercício da interpretação.* Realmente, uma pressuposição sutil.

Ora, segundo nos diz Schleiermacher, quando nenhuma estranheza intervem na interpretação, que, assim, transcorre por si mesma, sem a necessida-

de de aplicar princípios e regras, “não ocorre nenhuma operação hermenêutica *com consciência determinada*”. Note-se bem, Schleiermacher não constata, nesse caso, a inexistência absoluta do movimento circular sobre o discurso interpretado, mas nos apresenta *uma maneira* específica em que ele pode ocorrer: com consciência determinada. Portanto, Schleiermacher pressupõe que *a circularidade pode atuar tacitamente*, ou seja, *mesmo quando o discurso não motiva qualquer estranheza explícita*. De fato! Tão logo nos dispomos a interpretar um discurso, relacionamos as passagens anteriores às seguintes, por mais que os pensamentos ali expressos nos sejam plenamente familiares, *não exigindo, portanto, qualquer conscientização de que realizamos tal relação*.

Se a circularidade atua espontaneamente mesmo na interpretação de um discurso familiar, *a estranheza não deve ser um fator determinante da compreensão*, pois aquele princípio, na verdade, não requer nem esse pretexto nem qualquer outro. Aliás, a própria condição de princípio não deve constituir a essência da circularidade, pois seria um contra-senso insistir em considerar norma um movimento que, fundamentalmente, estrutura o transcurso da interpretação *mesma*. Ora, por não se tratar de um princípio, a circularidade também se desvincula da sujeição ao processo de *aplicação*, pois não consiste numa norma à espera de um momento oportuno para entrar em vigor. – A interpretação, enfim, deve ser *constitutivamente circular*, de modo que tende a ultrapassar a determinação disciplinar em que Schleiermacher a circunscreve.

6. CONSELHOS OU REGRAS?

Parece-nos digno de menção uma breve hesitação de Schleiermacher ante a tendência de chamar regras às várias manobras que o intérprete deve realizar ao aplicar os métodos comparativo e divinatório à luz dos aspectos gramatical e psicológico da hermenêutica. Esse titubeio poderia ser considerado uma prova de que a hermenêutica de Schleiermacher não consiste numa metodologia, numa técnica, tal como a determinamos durante todo este artigo. No entanto, insistimos na contramão dessa possível objeção, pois nos parece uma condescendência bastante indevida desconsiderar a relação estreita entre a ênfase na aplicabilidade das descobertas filosóficas e o compromisso com uma metodização da hermenêutica. Essa hesitação de Schleiermacher em categorizar os procedimentos interpretativos denuncia, ao contrário, um problema no horizonte a partir do qual ele apreende a experiência hermenêutica.

Reconhecemos que a hermenêutica adquire, em Schleiermacher, um caráter ineludivelmente artístico, graças ao aspecto psicológico da interpretação, que demanda uma aptidão adivinatória. Mesmo assim, Schleiermacher não se desvincula completamente da tradição que considerava a hermenêutica uma disciplina, determinando-a a partir da instituição de certas regras. Daí –

como uma atividade que se guia pelo preestabelecimento de um conjunto de condutas, mesmo que se trate de “conselhos”. Ele apenas renega a possibilidade de aplicá-los ao discurso interpretado de uma maneira meramente mecânica, sem qualquer requinte artístico.

A propensão da hermenêutica para se universalizar contesta justamente esse propósito da orientação metodológica de Schleiermacher, pois, assim, insinua pertencer à própria existência humana em *todos* os aspectos da sua mobilidade no mundo, não se sujeitando plenamente à manipulação metódica. Por se mostrar um movimento *constitutivo* da interpretação mesma, a circularidade afronta conseqüentemente o intento de determinar a relação comparativa e, sobretudo, a aptidão divinatória enquanto procedimentos sujeitos à aplicação. Uma “mobilidade interior para a produção pessoal, mas orientada desde o início para a acolhida dos outros” (*ibid.*, p. 45) --- tal disposição “originária”, como Schleiermacher mesmo a considera, não pode ser devida e estritamente um método. Schleiermacher deve mesmo hesitar, pois a universalidade da experiência hermenêutica ultrapassa os desígnios da metodização.

Embora reconheçamos o valor inestimável da inflexão que as suas investigações impuseram à tradição filosófica, Schleiermacher não promove rigorosamente uma “universalização” da experiência hermenêutica. Trata-se, antes, de *ampliar e unificar* uma disciplina tradicionalmente fragmentária, já que, sem qualquer cerimônia, Schleiermacher exclui da hermenêutica a interpretação das obras de arte plástica (*ibid.*, p. 60). A hermenêutica, na perspectiva de Schleiermacher, deve se preocupar sempre “apenas com o que é produzido na língua” (*loc. cit.*), apenas onde se fizer presente a palavra. Apesar de as indicações de Schleiermacher obterem um impulso significativo com Dilthey,⁷ só mesmo Heidegger⁸ e Gadamer realizariam os passos essenciais para uma genuína universalização da hermenêutica.

Finalmente, deixe-se bem claro, essas assertivas em torno da hermenêutica de Schleiermacher não pretendem desprestigiar a importância dela para a tradição, mas apenas trazer à tona a sua problematidade. Pois, quando um pensador é profundo tanto mais problemático se torna o seu pensamento, numa palavra, o seu potencial para incitar o impulso motriz da filosofia: a disposição para a pergunta.

⁷ Cf., por exemplo, Dilthey (1978, 1992). Nessas obras, podemos constatar, por um lado, a importância que o “princípio” da circularidade assume no pensamento de Dilthey; “princípio” tal que simplesmente passa a ser o fundamento da estruturação do mundo especificamente histórico, objeto de conhecimento das ciências do espírito. Por outro lado, a vida, aspecto constituinte da experiência interpretativa, segundo Schleiermacher, adquire tamanha proporção no pensamento de Dilthey, que se torna até o próprio *elã* das diversas concepções de mundo ao longo da história humana.

⁸ Em *Ser e tempo*, como bem sabemos, a interpretação abandona a condição tradicional de, por assim dizer, “recurso epistemológico” para se revelar o *modo próprio de ser* do existente humano, do *Dasein*. Cf. Heidegger (2002), em particular, §§ 31-34.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DILTHEY, Wilhelm. *El mundo histórico*. Obras de Wilhelm Dilthey. v. VII. 1. reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.
- _____. *Teoria das concepções de mundo*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. I - Discursos acadêmicos [1829]: Sobre o conceito de hermenêutica, com referência às indicações de F. A. Wolf e ao Compêndio de Ast. In: _____. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Texto I, pp. 23-64.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Hermenêutica clássica e hermenêutica filosófica (1968)*. In: _____. *Verdade e método II: complementos e índice*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Ens. 8, pp. 111-142.
- _____. *Hegel y Heidegger*. In: _____. *La dialéctica de Hegel: cinco ensayos hermenéuticos*. 6. ed. Madrid: Cátedra, 2005. Cap. V, pp. 125-146.
- HEIDEGGER, Martin. *O princípio do fundamento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- _____. *Ser e tempo*. vol. I. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.